

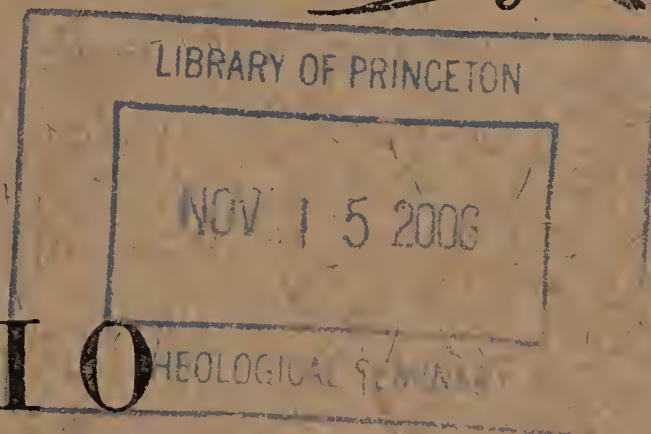


Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

Revista Internacional do Espiritismo

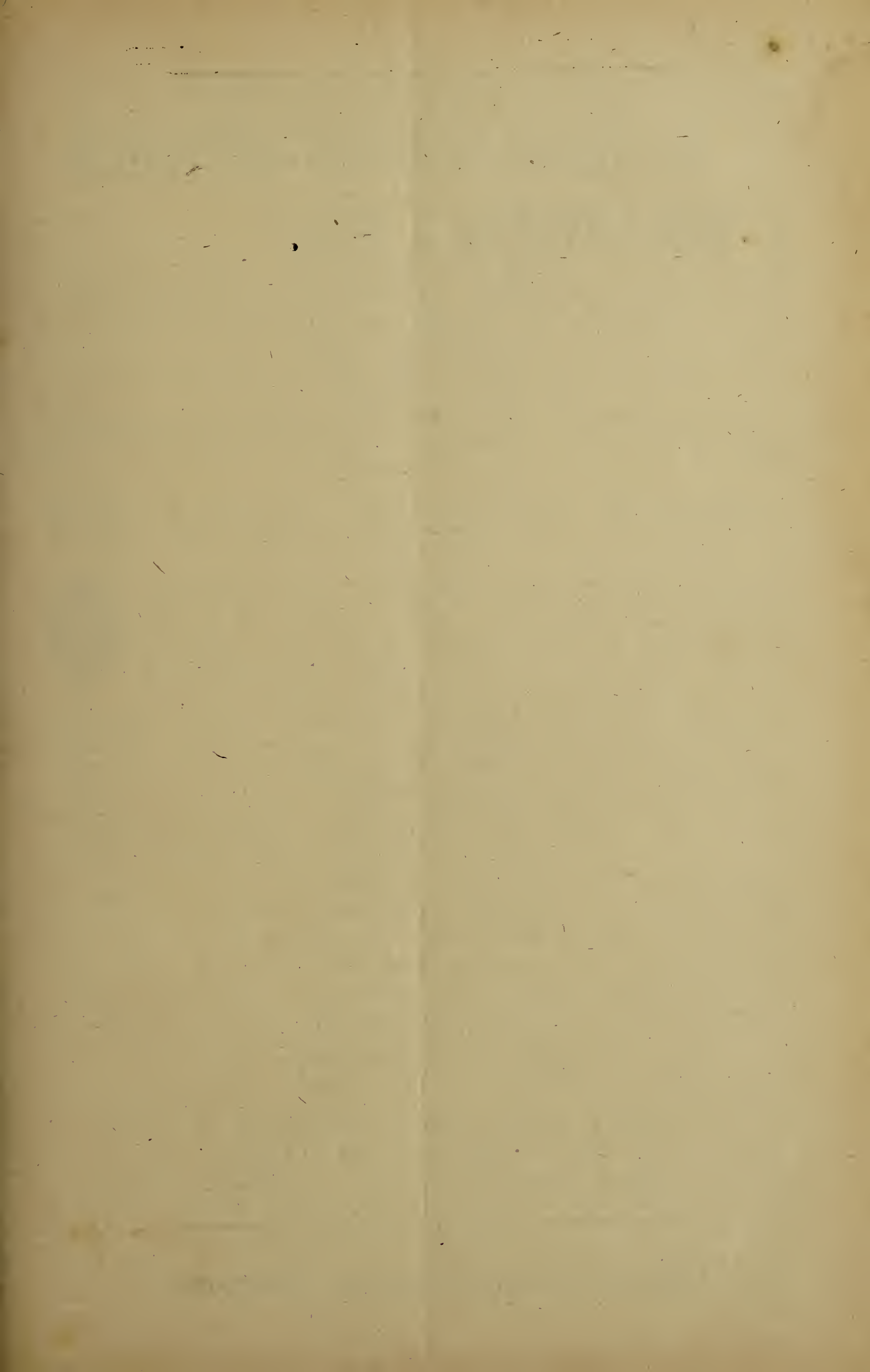
REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL



SUMÁRIO

Três Igrejas no mesmo Templo	<i>Redação</i>
Porque o Espiritismo não será uma Religião	<i>J. B. Chagas</i>
Um Equívoco	<i>Pereira Guedes</i>
«Parábola dos Carreiros»	<i>Odilon Negrão</i>
Três Médiuns	<i>Ismael Gomes Braga</i>
Ofensiva Espiritual Pró-Paz	<i>Natalio Ceccarini</i>
Estímulo e Trabalho	<i>Deolindo Amorim</i>
Teatro Espiritualista	<i>Carlos Imbassahy</i>
Crônica Estrangeira	<i>Redação</i>
Espiritismo no Brasil	<i>Redação</i>



Obras mediúnicas recebidas pelo
médiun Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Cartas de uma Morta
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À
VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ✎ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

Três Igrejas no mesmo Templo



«Farm Journal», dos Estados Unidos, traz-nos um artigo e belos clichês de um templo muito original em Pickstown, no Estado de Dakota do Sul, e um pensador amigo nos sugere

escrevermos um artigo registrando o facto nas rodas espíritas do Brasil.

Pickstown é uma cidade militar, levantada pelo Governo dos Estados Unidos durante a recente guerra mundial, com finalidades de mobilização e defesa. Os militares tinham diversas crenças religiosas, principalmente católicos, luteranos e membros de outras igrejas evangélicas. Todos têm igualdade de direitos religiosos. Construir um templo para cada culto seria muito caro e Tio Sam é prático: construiu um templo só, com um cenário rotativo, como o de certos teatros, de modo que basta tocar em um botão para que um dispositivo mecânico mude o cenário: desaparece o altar católico com suas imagens e aparece um altar luterano sem imagens; mais outro toque e desaparece o altar luterano, ficando sómente o estrado com o púlpito para a pregação dos membros das outras comunidades evangélicas.

Portanto, cada comunidade de fiéis comparece em hora marcada e encontra o templo perfeitamente aparelhado para seu culto.

Esse facto tão material e simples é

um passo para a convergência dos crentes das diversas confissões a um mesmo local sagrado para todos, promovendo certa aproximação de pessoas que se acham divididas pelo espírito de seita que é diametralmente oposto ao sentimento da religião. Tem significação muito particular para os estudiosos de Espiritismo que creem na salvação universal e sabem que todos os caminhos materiais são passageiros, consequências de nossa compreensão limitada, porque tudo vem na Unidade e ruma novamente para a Unidade.

Uma das fases da evolução espiritual dos seres é a sua individualização, o desenvolvimento da consciência e do livre arbítrio individuais. A princípio toda a criação é unida inconscientemente; mais tarde os seres vivos formam raças, famílias, espécies, ligados uns aos outros pelo instinto; depois tomam consciência de sua individualidade e tendem a formar pequenos mundos apartados, ou microcosmos. Nesta fase podem cair em muitos erros de penosas consequências, porque cultivam a ilusão de completa independência. Continua, porém, a evolução sua marcha lenta, mas firme. Surge a consciência de classes, nas quais os indivíduos são partes de grupos que em certos limites diminuem a ilusão de universos à parte. Começam os mais adiantados a perceber uma interdependência dos indivíduos e de seus grupos,

interdependência de origem superior e necessária à segurança e à felicidade de cada indivíduo. Inicia-se, então, o despertar da consciência de solidariedade universal dos seres e toma diversas formas mais ou menos incompletas: à idéia de classes se sobrepõe a de Pátria, de fraternidade internacional e assim vai lentamente a evolução rumando para a Unidade consciente dos indivíduos. Surge o combate contra o egoísmo demolidor; aparecem as idéias de caridade, serviços sociais, socialismo, religião universal, etc.

O Espiritismo, baseando toda a sua Doutrina no combate ao egoísmo e ao orgulho e à edificação do amor e caridade entre todos os seres, carecteriza uma fase mais avançada dessa evolução rumo à unidade. Simultaneamente com êle vieram à Terra Missionários para realizar trabalhos de várias naturezas, com a mesma finalidade de unir: progressos da mecânica aplicados aos transportes, como a aviação, telefone, rádio, Esperanto e outros trabalhos que fazem parte do mesmo Plano Divino de unificação consciente e voluntária dos homens, como já profetizára Isaias.

Se na fase antiga de individualização tudo trabalhava para a divisão, na fase presente, de unificação, tudo começa a trabalhar para a unidade. A falta de transportes na antiguidade forçava a dialetização das línguas: o latim, no Império romano, dividiu-se pela dialetização, formando o português, o castelhano, o italiano, o francês, o catalão, o provençal, o romaico e outros dialetos que se elevaram a verdadeiras línguas autônomas de regiões inteiras. A descoberta da imprensa, no século 15, iniciou o problema de fixação das formas de cada uma dessas novas línguas; o aparecimento do rádio, no século vinte, pôs fim ao processo antigo de dialetização e começou uma fase nova de evolução da linguística: os diversos idiomas começam a interpenetrar-se e lentamente a se confundirem num imenso dialeto planetário que poderá vir a ser, com a passagem de muitos milênios, o nascimento de uma língua planetária única. Muitos milênios antes disso, porém, as necessidades humanas reclamaram uma unificação mais consciente, mais cientificamente elaborada, e surgiu o Esperanto que vai conquistando terreno e estabelecendo bases

para a compreensão e colaboração dos filhos de todas as pátrias. O Esperanto é uma das manifestações dessa nova fase evolutiva que surge em nossos dias, de conformidade com um Plano Divino, tão grandioso que nossa compreensão limitada não o pôde abranger todo, mas pôde vislumbrar pormenores.

Contra a nova fase de evolução, as formas do passado reagem, temerosas, receiando o desconhecido, a perda dos bens adquiridos, sem perceber que esses bens são incompletos, inseguros, precários e terão que ser substituídos por outros mais sólidos, mais universais.

Essa reação se manifesta na oposição que as igrejas fazem ao Espiritismo, como outróra a Igreja dominante na Judéia reagiu contra o aparecimento de um ideal religioso mais universal, qual era o Cristianismo. Essa reação não impediu totalmente a marcha da idéia cristã, mas se manifestou novamente dentro do Cristianismo, dividindo-o em seitas e assim prejudicando um pouco sua universalidade. A luta contra o Espiritismo tem aquela mesma origem e parte, igualmente, das mesmas fontes: 1.º das igrejas constituídas, 2.º do materialismo enraizado. Nalguns países o Espiritismo parece em eclipse, mas isto será passageiro. Coisa semelhante e da mesma origem ocorre contra o Esperanto: os imperialismos linguísticos temem perder sua hegemonia e se opõem ao Esperanto de modos diferentes. Nuns lugares pela proibição violenta, noutros pela indiferença cética ou pela campanha do ridículo.

Mas a evolução é uma lei fatal e se cumpre, embora muito retardada pela incompreensão humana. Aquêlê simples facto de as diversas igrejas concordarem com Tio Sam e adorarem no mesmo templo, em Pickstown, demonstra uma diminuição apreciável dos ódios de seita; revela o aparecimento de uma tolerância que já promete melhor compreensão no futuro e finalmente o regresso ao Cristianismo primitivo, sem seitas, todo formado de amor e serviço, de caridade e perdão.

Assim considerando, percebemos que seria êrro grave os espíritas estabelecerem no Espiritismo um espírito fechado de seita que formasse nova divisão entre os homens. As polémicas, os

ataques a dogmas errados das igrejas por parte de espíritas irrefletidos, seriam um mal imenso prestado à causa da Terceira Revelação, porque estabeleceriam barreiras de ódio e reação que tenderiam a perpetuar as divisões. Só o amor pôde construir para o bem geral. Nossa missão não é demolir altares, mas edificar o amor, novos altares nos corações, e toda a tolerância é necessária à nossa tarefa.

A cidade de Pickstown deu inconscientemente um belo exemplo e um grande passo rumo ao futuro. No porvir as casas de oração poderão ser edifícios públicos, construídos para todos, mantidos pela coletividade, e não pelas seitas

religiosas. No mesmo edifício poderemos reunir espíritas, católicos, protestantes, a princípio em horas diferentes, mas, mais tarde, na mesma hora, em preces e pregações neutras quanto às minúcias de dogmas que dividem, mas tratando só dos princípios gerais que unem, do espírito que vivifica.

É verdade que estamos ainda longe dêsse ideal, mas já estamos mais perto do que estávamos no tempo em que levávamos ao cavalete da tortura e à fogueira os que pensavam de modo diferente do nosso.

Pickstown poderá ser um desses marcos que o homem coloca inconscientemente na longa rota da evolução.

Porque o Espiritismo não será uma Religião

J. B. Chagas

Que está ocorrendo no momento em torno dêsse importante tema, corresponde, verdadeiramente, a um reajuste ideal, e que vem provar que no ânimo dos estudiosos lateja um desejo ardente de vêr e sentir as coisas que dizem respeito à Doutrina, de um plano mais alto, mais condizente com os seus grandiosos destinos com vistas ao futuro.

Belo é ver-se como essas pessoas, cada uma no seu setor de atividades e conhecimentos, procuram trazer para o cômputo geral, o pouco daquilo que já conseguiu apreender, em meditações e estudos sérios.

Não fôra a característica com a qual apareceu no mundo o Espiritismo, de ser uma doutrina esclarecedora, por excelência, de nada adiantaria a sua eclosão. Ele vale, portanto, pelo valor inestimável, que não repousa nos conhecimentos dos homens falíveis da Terra, mas nas inteligências emancipadas, que do *mais alto*, projetam as suas luzes sobre a humanidade indecisa e vacilante. Assim, o que ôntem era nebuloso, agora torna-se claro, opalino, graças ao Espiritismo.

Como é de origem divina, terá de vencer todos os óbices e cumprir o seu destino: que é renovar o mundo velho, implantando uma nova ordem de cousas, para o bem estar da humanidade de es-

píritos encarnados na Terra, em cumprimento das determinações da Pai.

O nosso Mundo já atingiu a sua maioria, todavia, continua com as idéias de crianças, reveladas nas atitudes infantis dos seus habitantes. E para que se operasse a reforma ou reajuste, veio até nós o Parácleto, prometido aos homens por Jesus, representado pela Doutrina Espírita. Como havia patente desigualdade das *idades* dos espíritos que vieram habitá-lo, assim como desigualdade de conhecimentos, em cada um dêles mister se fazia um *denominador comum* para estabelecer a uniformidade do ensino, de tal modo que pudesse preencher a lacuna existente. Esse o trabalho maior e mais delicado que está afeto ao Espiritismo. Reajustar! Mas, para o conseguir teria de encontrar e vencer mil e uma dificuldades, representadas em primeiro lugar pelas barreiras linguísticas, na imensurável extensão territorial, que reparte os homens, entre si, assim como as idéias próprias de cada um. Cada homem é um ser pensante, dono de um cérebro que, embora idêntico na conformação fisiológica, está fadado a aprimora-se pela cultura e aquisições dos sentimentos primorosos, ditados pelo coração, até o ponto de sublimar o seu possuidor! . . .

E assim, o que a muitos parece confusão, não passa precisamente da necessidade do reajustamento. O que para um

parece bom, a outro parece sofrível. Isto é natural, e para que isso se desse, necessário se fazia que cada um expressasse com sinceridade e destemor o seu modo de entender.

E' precisamente o panorama que estamos assistindo com o desenvolvimento das idéias espiritistas, na hora presente.

De nossa parte, têmos afirmado, apoiado nas considerações adiante expostas, que de modo algum o Espiritismo pôde prescindir do sentido moralístico-religioso, sem contudo afetar-lhe a estrutura, no que diz respeito aos outros aspectos, científico e filosófico.

Religião, como está definido nos dicionários das Academias é:— «Culto prestado á divindade. Respeito ou reverência ás coisas sagradas: fé, piedade. E figuradamente, é aquilo que se considera um dever sagrado ou obrigação indeclinável — p. exemplo — tinha a religião do trabalho». (J. Segurier).

Como facilmente poderá ser verificado, o Espiritismo não presta culto a divindade nenhuma e nem reverência coisas sagradas.

Apenas, o Espiritismo aproveita do que se convencionou chamar de *religião*, o sentido moralístico, que ela encerra.

Doloroso é, porém, confessar que muitas vezes temos topado em a nossa caminhada á face da Terra, com criaturas cheias de conhecimentos científicos e filosóficos, e completa ausência dos delineamentos da moral, denunciada pelas atitudes por êles assumidas, contrárias á Moral. Preciso é esclarecer que falamos em tese, sem visionar pessoas determinadas

Allan Kardec, dando largas a profundidade do seu espírito pode prevêr que chegaria o dia em que certos adeptos, deslumbrados pelos fenômenos, descariam os outros aspectos, os pertinentes ao seu progresso espiritual, daí afirmar, por mais de uma vez, que o verdadeiro espírito será conhecido pelo esforço que fizer para a sua melhoria, reafirmando o seu pensamento dizendo mais claramente — os maiores inimigos do Espiritismo não são os que o atacam abertamente, mas sim aqueles que conhecendo a moral, não a praticam...

Os espiritistas brasileiros deram preferência à moral cristã, porque de tôdas as doutrinas é a do Cristianismo a mais pura, razão pela qual, de todas as seitas

religiosas existentes no Mundo, os cristãos são os mais aptos a compreendê-lo em sua verdadeira essência, e disso deram exemplos bem edificantes de sublime grandeza e desprezo pela vida, em épocas primevas.

Cada qual pode formar de suas opiniões uma religião e interpretar á vontade as religiões conhecidas; mas, daí a constituir nova Igreja, a distância é grande... (O QUE É O ESPIRITISMO — Ed. FEB — 9.^a pag. 85).

Todas as Babilônias do passado jazem no pó dos tempos, com as suas glórias reduzidas a um punhado de cinzas. Sôbre essas ruínas, sôbre os escombros das civilizações mortas e dos templos demorados, o homem viverá eternamente! Uma lei soberana e justa, íntegra e misericordiosa, preside os destinos.

Devemos guardar conôscos o sagrado patrimônio das crenças, principalmente no que elas têm de belo e grandioso, como moral salvadora do homem, porque sabemos que acima de todas as coisas transitórias do mundo, de todas as dúvidas e incertezas, páira uma sabedoria integral, que é Deus!

E o Espiritismo, veio precisamente para salvar o homem do êrro do seu des-caminho, aparando as arestas agudíssimas do seu espírito imperfeito e faltoso das outras vidas, prometendo-lhe o Paraíso, não aquele paraziólogo da imagem bíblica, mas aquele Reino que Jesus assegurou que estava dentro de nós mesmos! Cumprindo ao homem alcançá-lo pela prática das boas obras, por uma vida, vivida na relativa santidade daqueles que já sentiram o elevado sentido da vida, em só fazerem o bem, até mesmo áqueles que nos perseguem e caluniam. São todos, como nós, irmãos de jornada terrena, calcetas do pecado, comparsas do crime em eras passadas!

E no dia em que a evolução dispensar o concurso religioso para a solução dos grandes problemas educativos da alma do homem, a humanidade inteira estará integrada na religião, que é a própria verdade, encontrando-se unido a Deus, pela Fé e pela Ciência, então irmanadas.

Em cada século o progresso científico renova a sua concepção acerca dos mais importantes problemas da vida. Raramente, os verdadeiros sábios são compreendidos por seus contemporâneos. Se as contradições dos estudiosos são o sinal

evidente de que a Ciência evolve sempre, elas atestam, igualmente, a fraqueza e inconsistência dos seus conhecimentos e a falibilidade humana. (EMANUEL — pags. 34/5).

E assim, é preciso compreender o sentido das palavras, uma vez que aceitamos a evolução em todos os setores do conhecimento humano. Religião, como o mundo entende, é o que acima ficou definido, segundo a opinião dos entendidos.

O Espiritismo, como cousa nova, veio a ter o sentido religioso, sem contudo possuir templos ou igrejas; nem culto, nem casta sacerdotal organizada, nem dógmas inderrogáveis, para impôr a ninguém.

Essa cousa, ou seja esse sentido religioso, que vem escandalizando a muitos confrades, daqui e dalém mar, não escapou á argúcia do Codificador, quando afirmou: «O Espiritismo é ciência e filosofia de consequência religiosa»!...

Para que não nos julguem, unicamente, apoiados no que afirmou Kardec, vamos citar a opinião abalizada de um abalizado investigador, o Dr. M. Maxwell, doutor em medicina e substituto do Procurador Geral junto à Côrte de Apelação de Paris, que já dizia há alguns anos passados: — «O Espiritismo vem a seu tempo e corresponde a

uma necessidade geral... A extensão que essa doutrina está tomando é um dos fenômenos mais curiosos da época atual. Assistimos ao que me parece ser o nascimento de uma verdadeira religião, sem cerimônias, rituais e sem clero, mas com assembleias e práticas. Pelo que me diz respeito, acho extremo interêsse nessas reuniões e sinto impressão de assistir ao nascimento de um movimento religioso fadado para grande destino.» (*Les Phenomenes Psychiques*). O Dr. Maxwell, afirmava uma verdade, hoje patente aos olhos de todos, os que têm olhos de vêr...

E essa particularidade das consequências futuras que estaria fadado o Espiritismo alcançar, não escapou ao espírito arguto de Allan Kardec, prenunciando até a união da Religião com a Ciência, desse modo: «Os factos que a ciência demonstra peremptoriamente, não podem ser negados por qualquer crença religiosa. A religião ganha autoridade, acompanhando a ciência em todos os seus progressos; tanto quanto a perdeu, caprichando em ficar atrás, ou repelindo as verdades científicas em nome do que jamais poderá prevalecer contra as leis naturais, nem principalmente anuladas». (Revue Spirite — 1880 — pag. 303)

Nova Iguassú — Janeiro — 1951.

Um Equívoco... PEREIRA GUEDES

Os fenômenos sôbre os quais o Espiritismo assenta as suas bases, datam da mais remota antiguidade.

Os livros ditos sagrados estão refertos de narrações, e, em todos os povos, desde as primeiras auroras das mais variadas civilizações, encontramos, nitidamente, as provas inequívocas de aparições que nos levaram à crença na existência de seres espirituais, agindo inteligentemente fóra do corpo físico, após o inevitável fenômeno da morte, cujas manifestações, por vezes insistentes, deram motivos à interpretações várias, criando-se em torno de tais observações uma infinidade de escolas que vão, desde a credice obscura que conduz ao fanatismo, até a comprovação científica dos fenômenos.

Quem quer que seja, imbuído de boa-fé, poderá acreditar em narrações de fenômenos de natureza espiritual, mas, para os rigoristas, isto é, para os que se apegam ao rigor da confirmação científica, nem mesmo as aparições mais perfeitas os convencem. Engrimonados, como se fossem arautos do saber, supondo-se talvez colocados na mais alta dignidade científica, quantos sabemos, enfatuados, mas incapazes de uma capitulação honesta; mesmo que não haja da parte do observador a menor dúvida quanto ao que vira, a sua preferência será sempre a de emprestar ao facto uma interpretação até absurda, desde que em nada se pareça com as que a credice consagrou.

Vamos ao facto que nos foi nar-

rado por um cidadão culto e uma das mais brilhantes inteligências, cujos trabalhos, quer abordando assuntos de ordem social, quer econômicos, transcendem os mais escorreitos mestres da matéria, que, lendo-os deixam no mais exigente leitor a satisfatória certeza de que aprendeu. Trata-se de uma aparição real, tão real que aos olhos do culto e perspicaz observador, o fenômeno se deu com a mais perfeita naturalidade.

Raimundo Carvalho, o querido Raimundo, materialista da melhor têmpera, foi o personagem principal da pequena e expressiva história que passaremos a contar, procurando, tanto quanto nos fôr possível, reviver a sua própria narrativa.

«Trabalhava eu então no Posto da Assistência Municipal do Meier, quando ao término do plantão rumei para a cidade», disse-nos o Raimundo, «e, na estação do Engenho Novo entre vários passageiros, entrou e veio sentar-se junto a mim, uma senhora, toda de preto, a semelhança de mortalha, apoiada em duas muletas; mal sentou-se fixando o olhar em meu rosto, reconhecendo-me, pois que eramos velhos amigos, saudou-me com manifesta expansão de alegria, pronunciando claramente o meu nome de guerra (Baiano), dos velhos e bons tempos de esportista. Conversamos animadamente, perguntei pelos filhos, também meus amigos, e, abordando o caso de sua saúde, ela, sempre no mesmo tom de voz e plena lucidez, disse-me dos seus sofrimentos após a morte do marido; que estava completamente abandonada pelos parentes e vivendo de esmolas. Tive pena da velha! Não pude suportar aquilo sem manifestar o meu desejo de filho, pois assim me considerei sempre, dizendo-lhe que no dia imediato, que era o do meu pagamento, passasse lá pela repartição para que assim pudesse também prestar-lhe a minha contribuição. E disse-lhe mais: para hoje só lhe poderei dar dois cruzeiros, mas ela não aceitou e, por muito que eu insistisse ela os recusou definitivamente. Nisso o trem chegou à estação de São Cristóvão. Abriram-se as portas, ela levantou-se em absoluto silêncio, apoiada

em suas muletas, sem dizer palavra, caminhou pela plataforma enquanto o trem partia, e foi-se embora.

«No dia imediato», continua o querido irmão materialista, «de posse dos vencimentos, fui à casa da velhinha, isto é, da família, a procura daquela pobre criatura a quem prometi e daria pequena mas sincera contribuição. Cheguei, batí à porta e veio um dos filhos com quem falei expondo o ocorrido e ao mesmo tempo rogando-lhe me desculpasse. O rapaz ouviu-me atentamente e, depois de alguns instantes de silêncio, falou-me: — Raimundo, a minha mãe é morta há três anos! — Não acreditei. O nosso encontro tinha sido real; conversamos e só ela poderia responder, como respondeu, a todas as minhas perguntas. Mas o rapaz deu-me a data do falecimento, indicou-me o cemitério em que fôra sepultada a genitora. Era o cemitério de São João Batista. Corri à portaria da necrópole para melhor certificar-me. Era verdade, a velhinha havia falecido, mas, era verdade também aquilo que narrei. Eu não minto! eu não minto, e o nosso encontro foi real!»

E Raimundo, o super-Tomé, alma emotiva, coração de ouro e sempre preocupado com os grandes problemas do mundo, escrevendo e lutando na linha justa do marxismo; com os olhos da alma atentos aos acontecimentos políticos do mundo que explora o mundo explorando o homem em benefício de outro homem; este mundo que é nosso e que nos é negado; mundo de provas e de expiação; certo de que está certo pela estrada que o conduz: lutando pela solução do problema econômico que tanto nos aflige, sem se aperceber que o principal e humano é o problema moral, causa nefasta de todos os desacertos que infelicitam a humanidade, olhando-nos fixamente, repetiu: «Pereira Guedes, eu não minto!» Mas como então explicar o facto, fôra da manifestação da morta que se apresentou perfeitamente materializada, se você não admite a existência do espírito?

— UM EQUÍVOCO... — respondeu-nos.

Enquanto orares pedindo ao Pai a satisfação de teus desejos e caprichos, é possível que te retires da prece inquieto e desalentado. Mas, sempre que solicitares as bênçãos de Deus, afim de compreenderes a sua vontade justa e sábia, a teu respeito, receberás pela oração os bens divino do consôlo e da paz. - «A Boa Nova»

“Parábola dos Carreiros”

ODILON
NEGRÃO

Especial para «Revista Internacional do Espiritismo»



NARRA-NOS a História que a igreja de Roma, depois da adesão do imperador Constantino ao cristianismo, transformou-se em crêdo estatal. Por essa época — lá pelos meados do ano 325 da nossa Era, cada núcleo cristão, quase que cada igreja, possuía o seu evangelho particular.

E' sabido que o Mestre foi orador. Jesus não nos legou nenhum documento escrito e as suas palavras, repetidas de bôca em bôca, através de vários decênios, foram se desfigurando, perdendo o ar da legitimidade original e a força persuasiva do tribuno que as enunciára nos comícios populares da Galiléa!...

Assim acontece com todas as tradições orais, isto é, com todo e qualquer ensinamento que não seja posto, de início, em letra de fôrma.

«Quem conta um conto, acrescenta ou diminue um ponto» é o que diz o velho brocardo. E esta sentença da sabedoria do povo é tão certa — talvez por ser profundamente humana — que ao tempo de Constantino existiam para mais de 60 evangelhos do Cristo! Como é natural imaginar-se agora, esse documentário da vida e da obra de Jesus, deveria ser o mais contraditório possível. Quando os evangelhos chegaram a ser escritos — e isso depois de muitos anos do desaparecimento do Nazareno — já não representavam, em toda a sua pureza, as verdadeiras lições do Mestre, mas eram um trabalho de colaboração, de enxertos e de falhas, de algumas centenas de homens, dos mais variados feitos psicológicos e culturais. Cada um deles — como é lógico pensar-se — teria dado um caráter pessoal à narrativa cristã, contando-a e passando-a aos seus vizinhos de acôrdo com a sua maior ou menor qualidade imaginativa.

Foi assim, desfigurada em seus detalhes, que a vida de Jesus chegou ao conhecimento dos homens que sabiam ler e escrever.

Narra-nos a História, ainda, que a igreja, no intuito de conservar a unida-

de necessária á sua sobrevivência, resolveu selecionar essa quase centena de evangelhos. Jerónimo foi incumbido dessa tarefa extraordinária. E depois de discussões exaustivas, a escolha de Jerónimo recaiu sôbre os 4 evangelhos que hoje conhecemos — o de Marcos, de Lucas, de Mateus e de João — que acredito sejam uma síntese, em seus fundamentos, da vida de Jesus narrada por aqueles outros 60 escribas relegados pela igreja. E' claro que Jerónimo na obra seletiva que realizou, defendeu os interesses de Roma... Essa defeza, no entanto, não foi tão perfeita como se poderia imaginar, pois que, outros doutores da igreja, tempos depois, nos vários concílios gerais, introduziram adulterações nos textos sagrados, para colocá-los dentro dos postulados católicos.

Os demais documentos sôbre a história do Nazareno foram julgados apócrifos, falsos, inverídicos e, porisso mesmo, anatematizados pelos teólogos clericais. No entanto, nem todo o material evangélico caído em desgraça se perdeu. Restam-nos ainda alguns fragmentos, que conseguiram sobreviver, através dos séculos, à sanha destruidora dos silabus papais!

Num dos evangelhos apócrifos, atribuido a Nicodemus — encontramos a *parábola dos carreiros*, que encerra uma das mais altas e esclarecedoras lições do Cristo, sôbre a solidariedade, assim como o seu pensamento sôbre a luta, o trabalho e a iniciativa humana como elemento de evolução.

Narremo-la.

— Jesus e seus discípulos iam por uma estrada, em demanda de determinada povoação. Chovêra na véspera e a lama se afundava nos caminhos da paisagem sombria. Mestre e apóstolos caminhavam em silêncio. Êle, amargurado com os espetáculos da velha incompreensão humana: eles, procurando advinhar-lhe a causa da amargura. Em certo trecho da estrada, onde a terra era mais negra, jazia, enterrada na lama, uma carreta. Á margem, sentado numa pedra, o carreiro, humilde e triste, deitava, às vezes, os olhos para os céus, talvez rogando a Jeo-

vá que operasse o milagre de safá-lo daquela situação embaraçosa.

Jesus cumprimentou o homem e seguiu a sua jornada. De novo, como chumbo, o silêncio caiu sobre os andarilhos.

Mais adiante, também onde a terra era mais negra, outra carreta se achava enterrada na lama. E o carreteiro, ao contrário do colega humilde e triste, blasfemando e ganindo impropérios, lutava desesperadamente, com todas as fôrças, para livrar a carreta do atoleiro.

Jesus, então, dirigindo-se aos discípulos, convidou-os a que auxiliassem o carreteiro a libertar o veículo, cujas rodas estavam sepultadas no lamaçal até ao eixo. Os apóstolos obedeceram o Mestre. Arrebanhando os mantos de pano pobre, enterrando os pés no atoladouro pegajoso e móle e à fôrça de braços e de bérros, conseguiram libertar a carreta. E depois dos agradecimentos engrolados do carreteiro, enquanto os apóstolos se refaziam do esforço muscular dispendido e se limpavam do barro que lhes sujava as véstes e as pernas núas, Pedro aproximou-se de Jesus. E falou ao Rabí, entre acanhado e triste:

— Mestre! Não entendo o vosso gesto.

Jesus, sereno, fixou-lhes os olhos mansos.

— Porque, Céfa! Diga o que sente!...

E o rude pescador, mais encorajado pelo convite, prosseguiu:

— Há pouco, encontramos na estrada um pobre e humilde carreteiro, que olhava tristemente para a sua carreta atolada na lama. O Mestre saudou-o, apenas, continuando a jornada...

— Sim. Continue, Céfa, pediu Jesus.

— Agora, vimos um bruto, um estúpido, um verdadeiro selvagem nas mesmas condições. A sua revolta era patente e as suas palavras ofendiam ao nosso Deus e vosso Pai. E o Mestre, não sei porque, pediu-nos que ajudássemos o bruto a libertar a carreta...

Fez-se um longo silêncio. E como Jesus, absorto, baixára a cabeça, Pedro insistiu:

Porque? Porque essa diferença de tratamento, Mestre?!

E o Cristo, tomando nas suas, as mãos calejadas do velho pescador, disse em voz alta, para que todos ouvissem:

— E' que meu Pai, Pedro, está com aqueles que porfiam.

* * *

A lição contida nessa parábola dos evangelhos apócrifos, é das mais edificantes.

O Mestre dos Mestres, na sua filosofia, na sua sabedoria de homem do povo, deu-nos nessas passagens um grande ensinamento, mostrando-nos que a vida é ação, a vida é luta, a vida é movimento constante.

Agora é o caso de se perguntar: — porque a igreja jogou à margem da legalidade canônica a *parábola dos carreteiros*?

Porque essa parábola é a condenação da existência contemplativa, da existência conventual! Que fazem os monges e as freiras nos mosteiros? — Vivem isolados do mundo, afastados da sociedade, longe das misérias humanas, rogando a Deus, em rezas intermináveis, que se apiede das nossas provações e nossas dôres. Mas, a verdade, é que ninguém consegue alimentar-se com versículos da Bíblia, nem cobrir a nudez com páginas de catecismo!... E essas rezarias contemplativas nada adiantam se não forem acompanhadas de ação, de trabalho e de exemplos. Viver vida de santo longe da lama do mundo não é difícil. A grande dificuldade é viver santamente dentro da lama do mundo!

Onde mais mérito, onde maior virtude? — Naquele que espera o milagre dos céus, para libertar a carreta do lamaçal, aguardando, naturalmente, que o sol, com o calor de sua luz, transforme a lama em pó... ou naquele que luta, que forceja — sem se entregar à indolência e ao êxtase — para se safar das imperfeições da existência?

E que fazem os monges e as freiras senão rogar a Deus que envie o calor da luz do sol para secar a lama da terra? Jesus, no entanto, pensou de maneira diversa e oposta. Ele não esperou pelo sol, como o 1.º carreteiro da parábola. Não aguardou o milagre da transformação da lama em pó para iniciar a sua luta. Pôs mãos à obra, desde o início, isto é, desde o momento em que o esforço próprio se fez necessário, como tão bem exemplifica a passagem evangélica do 2.º carreteiro. Daí a conclusão de que os contemplativos, os rezadores, aqueles que agem apenas em função da fé e que, por indolência, não procuram agir através de obras edificantes, não compreen-

dem o sentido divino da solidariedade humana! Se o compreendessem agiriam de maneira diferente, ou melhor, procurariam resolver os seus problemas com ação e resolver também os problemas alheios, ombro a ombro, com todas as criaturas de boa vontade, metendo os pés nos lamaceiros da terra e fazendo fôrças para libertar a humanidade dos abísmos em que ela se encontra!

A linguagem das parábolas é simbólica. Jesus, como o fazem todos os espíritos iluminados, dirigiu-se aos homens através do simbolismo. No caso comentado, por exemplo, a lama é o mundo; a carreta, a humanidade, como expressão coletiva; e os carreteiros, os homens, como expressões individuais.

Assim equacionado, o problema nos parece fácil e esclarecedor, principalmente pela sua extraordinária atualidade. Nunca, como agora, a carreta humana esteve mais atolada na lama! As incompreensões, os egoísmos exacerbados e virulentos, a falta de solidariedade, de fé construtiva e consciente, transformaram o mundo num tremedal insondável! Há lama por toda parte, desde os palácios, onde os pesadêlos deixam insônes os potentados, até às choupanas, onde a miséria revoluciona os párias! E essa lama cresce mais e mais, assumindo algumas vezes e em alguns lugares proporções diluvianas! A pobre carreta — que é a humanidade — já se encontra sepultada nesse lameiro de angústias, que são as nossas imperfeições. E que fazem os homens para salvá-la?

De um lado, vemos os que esperam o milagre... Os que aguardam, de braços inertes, na indolência contemplativa, sentados à margem do caminho, que o calor da luz solar, espontaneamente, venha secar a lama, para que a sociedade, desafogada e livre, possa, vencendo óbices e provações, continuar a sua marcha para a frente e para o alto. Para isso, no entanto, não dão um passo, não se agitam, não lutam, não porfiam. Esperam, apenas, olhos postos nos céus, murmurando rezas sem altura e agarrando-se em textos decorados. São os marginais, os que não sentem a solidariedade, os que imaginam que a fé é uma virtude estática...

— De outro lado, observamos, todavia, os que sabem que o maior milagre reside no trabalho. Esses não esperam o sol, porque são capazes de converter suas fôrças no dinamismo solar! São os

inconformados, os que não se adaptam às misérias e à lama do mundo, mas que lutam para se libertarem das garras dilacerantes dos desequilíbrios econômicos e das injustiças sociais, tentando libertar, nessa porfia magnífica, a própria humanidade dos abísmos de treva que a obscurecem e inferiorizam.

E diante dessa situação desesperante, que devemos fazer, os espíritas? Qual deve ser o nosso combate? De que lado deveremos ficar? — Sentarmos à beira da estrada, esperando que o calor do sol, por milagres divinos, venha sanear o atoleiro dos problemas humanos? Não. Tal atitude seria anticristã, anti-evangélica, porque estaria em oposição a todos os fenômenos da natureza, desde os mais primários e simples, aos mais elevados e complexos, porque a vida — seja qual fôr o plano em que se desenvolva — é luta, é trabalho, é porfia incessante, infinita e eterna! Luta, que se observa desde os organismos invisíveis dos átomos, que constituem a matéria e que são, em última análise, a própria essência da matéria... e luta que se desenrola nos espaços siderais, nos lares onde os espíritos desencarnados residem, a começar pelos territórios do humbral e a terminar no derradeiro céu da Perfeição!

O céu dos espíritas não é o céu festivo dos católicos, onde os eleitos, na indolência das pasmaceiras edênicas, contemplan as paisagens divinas, alheios às coisas que acontecem aqui nas sargetas da Terra! O céu dos espíritas não se assemelha também à mansão dos maometanos, onde os fulgores de Alá se confundem com as fôrmas luxuriantes das sarracenas capitósas! O céu dos espíritas não é tão pouco o nirvana de Buda, que simboliza a inatividade perpétua, o não-ser, o não-querer, o não fazer e onde os crentes e os privilegiados passam uma existência de paz absoluta!

O nosso céu, o nosso paraíso, o edem dos espíritas é dinâmico, é operante, é construtivo! O trabalho não cessa nunca. A porfia jamais termina, o espírito de solidariedade não desaparece. E porque? — Porque Deus é a síntese do trabalho, é o exemplo da luta e é o símbolo máximo da solidariedade! E enquanto existir no universo uma criatura necessitando de amparo, de justiça, de amor e de verdade, a tarefa dos homens — encarnados ou desencarnados — não pôde cessar. Essa é a

lei e os profetas, porque essa lei representa a suma de toda filosofia, de toda sociologia, de toda ciência e de toda Moral do universo!

A inação é imoral! Os inativos são criaturas inermes que se aboletam — acobertando a covardia sob a máscara da humildade — à beira dos caminhos do mundo, no silêncio tumular das célas conventuais ou nos tranquilos pátios dos mosteiros, longe dos turbilhões e das tormentas humanas! . . .

A terra — planeta de provações e de aperfeiçoamento do espírito — não está circunscrita aos muros e aos limites estreitos de um convento. E o espírito não admite pênas, nem amarras, uma vez que as suas vibrações atravessam todas as cadeias e penetram em todos os espaços.

O Espiritismo nasceu para dar um sentido novo à luta humana. As armas dos espíritas não são essas que ferem, que aniquilam, que arruinam e que só servem para destruir, ensandecer e assassinar. As armas que usamos são aquelas que edificam, que norteiam, que iluminam, que esclarecem, que elevam e que libertam, pois que a liberdade, no sentido social e moral, é a última aspiração e a razão de ser de toda criatura digna.

O homem livre — livre de tutelas opressivas de outros homens; livre para pensar e para agir; livre de preconceitos, de prejuízos e de pavores sociais, morais e econômicos — o homem livre é o ideal do Espiritismo, porque a Doutrina de Kardec, por ser profundamente revolucionária, deu ao mundo novas forças e novos ímpetos para que os homens tivessem energias capazes de combater todas essas mesquinhas formas de escravidão que ainda nos embaraçam e aniquilam.

Nesse combate, é claro que não podem nos animar o despotismo e a prepotência do super-homem de Niethsche, que foi, de certo modo, o precursor do nazismo prussiano. A verdade, no entanto, é que o conceito do super homem — não como entidade metafísica, mas como organismo nitidamente humano — é o coroamento natural do nosso esforço em favor do aperfeiçoamento da humanidade. Se não aceitamos as conclusões filosóficas do sábio germânico, não podemos fugir de acatar e de glorificar o super-homem de Pietro Ubaldi, que não é um opressor, nem um déspota, porque êle, dentro da consciência de sua força, tem a cons-

ciência da fraqueza daqueles que o cercam. E o seu dever, por ser mais forte e mais sábio, será o de orientar o frágil rebanho humano para o aprisco — que é a segurança e para a liberdade — que é a redenção!

A revolução espírita, portanto, não é, como muita gente pensa, a revolta dos humildes. A nossa revolução caracteriza-se pela inexistência da revolta, mas é uma conquista da inteligência a serviço da liberdade. A nossa revolução não destrói para construir depois. Constrói, apenas, porque jamais semeou ruínas. É uma construção que os homens vêm levantando há milênios — alguns sem saber, outros sem sentir — mas levantando sempre, porque a nossa intuição de construtores não é aquela, falível, de acumular cimento e pedra, mas aquela outra, imortal, de alinhar parcelas de valores morais e intelectuais para a soma esplendorosa do espírito!

Para a realização dessa luta o Espiritismo não se serve de dogmas, de sílabas, de excomunhões, de cléros opressivos, de polícia, de forças materiais e de caprichos humanos. Serve-se, e tão somente, da inteligência e da liberdade, porque os homens só poderão compreender o Reino de Deus, em sua grandeza total, no dia em que forem livres e sábios.

Essa a nossa revolução e a nossa luta! Revolução do espírito da luz contra o espírito das trevas, revolução de esclarecimentos. Luta constante, diária, luta infinita, da compreensão, da tolerância, da fraternidade e do amor, contra a ignorância, o despotismo, o egoísmo e a perversidade! Luta de todas as horas, de todos os instantes, luta que travamos há milênios em todos os planos da vida! Sim, meus senhores e meus amigos! Se o Espiritismo não é de hoje, o primeiro espírita surgiu quando o primeiro homem consciente impediu com sua força moral que a clava do primeiro bruto se abatesse sobre a cabeça da primeira vítima! E a nossa luta e a nossa revolução teve início nesse momento longínquo da pré-história humana!

É preciso, entretanto, que compreendamos o sentido dessa batalha moral que estamos travando na terra e no espaço, desde os primeiros vagidos da humanidade. É preciso que nos capacitemos dessa responsabilidade tremenda que nos pésa sobre os ombros, pois que somos

espíritas, não de hoje, não de agora, mas desde as mais afastadas épocas humanas, isto é, desde o aparecimento da primeira idéia construtiva no cérebro ainda informe do troglodita das cavernas!

Somos, portanto, o resultado da elaboração milenar do pensamento edificante! Somos a síntese — a grande síntese — de todas as generosidades humanas! Somos as luzes, humildes e broxuleantes, dos fôgos-fátuos que iluminaram os confins do mundo anti-deluviano... e somos as luzes poderosas e ardentes de hoje, que

iluminam os céos e as profundezas da terra!

E seremos — se continuarmos nessa luta e nessa revolução espiritual — os fâcos imorredouros que iluminarão as trevas do universo, abrindo para os homens que hão de vir, de par em par, as portas da liberdade!

Todos verão a luz do sól! Não dê-se sól físico, que é um ponto de referência nos espaços siderais, mas dê-se sól do espírito, que é a fonte perene da divindade, porque é o próprio Deus!

Três Médiuns

Por Ismael Gomes Braga

VIII

A sessão de 8 de Julho de 1950 realiza-se na séde da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, com a presença de 72 assistentes, igualmente separados, os caravaneiros à esquerda e as Sras. à direita da sala, como em 29 de Junho. Além dos preparativos empregados nas sessões anteriores, houve mais os séguentes: em cima da mesa há um caldeirão com água fria e outro com parafina fervendo num fogareiro elétrico que só é retirado no momento de se apagarem as luzes: diversos instrumentos para escultura sobre parafina; além de algemar o médium com os braços cruzados, no último momento um circunstante, o Sr. Hernani Lomba, propõe um controle inteiramente novo: traz êle no bolso selos metálicos de seu laboratório e um carimbador patenteado para fixação de tais selos. Se o médium concordar, fará êle, Sr. Lomba, uma nova prova: selará o médium à cadeira a que já se acha ligado, por êsse processo inviolável, e conservará consigo o carimbador até o fim da sessão, de modo que mais ninguém no mundo poderia substituir os selos. O médium aceita imediatamente a prova. O Sr. Lomba desce, ata novamente o médium com fios de algodão e aplica os selos metálicos com o aparelho próprio. Se alguém sair de detrás daquela cortina sem romper os selos, não há de ser o médium. Todos entendem a importância dessa prova e a aplaudem. Assim «selado» à cadeira o médium é conduzido para a cabine. As

entradas para as filas de cadeiras estão ocupadas, como na sessão de 29 de junho, por assistentes. Todos os circunstantes que se acham assentados à primeira fila de cadeiras são ligados entre si por um cordel de algodão que passa pela botoeira da roupa e pelo espaldar da cadeira, de modo que nenhum poderá levantar-se de seu lugar, sem que os outros percebam. A mesa se acha a uns dois metros de distância que ocupamos a primeira fila, de sorte que nenhum de nós poderá tocar na parafina e outros objetos que se acham em cima da mesa.

Temos duas atas a ler: uma da sessão de 29 de junho neste mesmo local e a outra da sessão de 7, em Niterói. O Dr. Gonçalves Maia propõe que só se leiam as atas depois da sessão, porque a hora já está adiantada. Ladeira concorda com essa proposta.

Às nove horas e trinta e cinco minutos apagam-se as luzes e Ladeira inicia a prece de abertura. A vitróla está muda e, terminada a oração de Ladeira, um silêncio pesado cái sobre as trevas da sala, porque a vitróla continua seu sono mortal. Depois de um momento de silêncio, Ladeira recomeça a orar. Vemos então os minúsculos relâmpagos característicos da presença de Atanásio e logo depois ouvimos os ruídos nos discos, no diafragma, no pick up e os sons de um disco enchem o ambiente. D. Maria Cavalcanti soluça profundamente. Na cabine João Cosme geme baixo. O quadro luminoso que se achava em posição

horizontal e invisível para nós, toma posição vertical e assim permanece. Ouvimos a voz de Atanásio: «Graças a Deus! Boa noite! estava esperando melhorar o ambiente.»

O Dr. Gonçalves Maia faz perguntas e recebe respostas desinteressantes para o leitor. Depois Atanásio diz: «Breno vai fazer a tentativa de trabalhar com a parafina e manda dizer a vocês que é sómente uma experiência, porque cada um recebe de conformidade com seu mérito. Ele pede que alguém faça a «Prece de Ismael».

Ladeira interroga quem sabe a linda oração conhecida por êsse nome. Uma Sra. presente a sabe e recita muito bem a longa e expressiva prece. Ouvimos ruído nos instrumentos de escultura. É Breno quem entra em ação. Em dado momento uma dessas ferramentas cai ruidosamente sobre o vidro da mesa. Ouvimos o murmúrio da água. Nosso único sentido é o ouvido, por isso acompanhamos tudo pelos sons, como fazem os cegos, e de quando em vez Atanásio informa sobre os progressos da obra de Breno, o escultor maravilhoso que opera no escuro absoluto da sala:

— Ladeira, o Breno está tentando fazer um busto; vocês podem ajudar muito pela concentração.

Ladeira explica em que sentido deve ser tomada a palavra *concentração*: não desviar o pensamento, por exemplo, da prece. Põe-se a orar e no fim Atanásio exclama: «Graças a Deus!». Todos acompanham a «Prece de Cáritas» que é recitada por Ladeira. Acende-se a luz vermelha no gráu mais intenso, depois passa para o segundo gráu que ainda permite boa visibilidade. Abre-se a cortina no ângulo direito (para os assentados em frente a ela), e surge um vulto branco, com os braços abertos, uma faixa de côr lhe cinge a cintura. Algumas assistentes que se acham mais perto da cortina cumprimentam com ardor: «Padre Zabeu! Boa noite!» A voz grave responde: «Boa noite, meus filhos». A entidade materializada sai para a sala.

Atanásio esclarece que é preciso melhor seleção dos assistentes. Para futuras sessões faça-se uma lista completa de nomes e deixe-se em cima da mesa. Todos que êle marcar com cruzinha não podem tomar parte na primeira corrente, porque prejudicam com seus pensamen-

tos a realização dos fenômenos. Padre Zabeu diz: «Vou fluidificar a água. Maria, faça uma prece». D. Maria Cavalcanti faz uma prece ardente e comovida. Apaga-se de novo a luz vermelha e os instrumentos de Breno produzem barulho acima da mesa, ouvimos o som de algo mergulhado na água do caldeirão. Interpretando o pensamento de Breno, diz Atanásio:

— «O Breno manda avisar a vocês que a cabeça esculpida por êle na parafina não é do Cristo, como pode parecer, é de Tiradentes; mas há alguma semelhança».

Atanásio informa que além do busto, o Breno esculpou duas florzinhas e as oferece ao cavalheiro que selou o Cosme na cadeira. Hernani Lomba agradece; mas Atanásio informa desalentado: «Fui examinar as florzinhas: o cabinho de uma já quebrou!»

O Dr. Gonçalves Maia pede que a obra de escultura seja oferecida à Sociedade, ao que Atanásio responde com um trocadilho: «Em sociedade dá briga!»

Atanásio reclama respeito para os trabalhos:

— Isto aqui é uma igreja, deve ser tratado com o mesmo respeito de uma igreja.

Ouvindo um disco, Atanásio exclama: «Êste disco é bonito!» E o Dr. Gonçalves Maia diz em tom imperativo: «Atanásio, enrola êsse disco para mim». Atanásio responde malcriadamente: «Não; porque não sou seu empregado!» Ao que o Dr. Gonçalves Maia ri gostosamente.

Atanásio informa que o Dr. Pedro Ernesto, com os olhos cobertos de lágrimas, acha-se à cabeceira da mesa implorando o progresso moral para o Rio de Janeiro. Espera poder mostrar-se materializado, à luz vermelha, se a situação ambiente permitir. Quando foi acesa a luz vermelha, porém, não o vimos.

O Padre Zabeu faz uma preleção evangélica em favor dos descrentes, recomenda pacientes esforços por eles e conclui: «Quem está com saúde não necessita de médico. Temos que trabalhar é pelos enfêrmos». Depois transmite uma mensagem política de Pedro Ernesto: «Votem na espiritualidade para serem os eleitos de Deus».

Padre Zabeu vai conversar com o

Cosme na cabine. Ouvimos as pancadas do megafone e o diálogo. Atanásio diz: «O Vigário já foi: façam uma prece». Da cabine vem a voz de Cosme: «Acendam a luz! Ao que Atanásio responde:

— Cosme, não dê palpite! Está me atrapalhando! Ladeira, pôde encerrar.

Ladeira inicia a prece e de novo a voz de Cosme reclama luz, mas Ladeira, interrompendo a oração, responde: «Espere um pouco».

Reacendem-se as luzes às 10 horas e 55 minutos da noite: portanto, a sessão durou uma hora e vinte minutos. Verifica-se que o cordel que liga a primeira fila de assistentes está intacto, logo, ninguém saiu do seu lugar. Rompem-no e vão verificar na cabine o controle do médium. Transportam a cadeira com o médium para a sala e o Sr. Hernani Lomba, em plena luz, examina os selos, acha-os intactos e explica aos circunstantes a segurança do controle por ele idealizado; tem no bolso o carimba-

dor e os selos metálicos estão intactos, portanto, quem saiu daquela porta não foi o médium, porque este não saiu de sua cadeira.

Vamos examinar os caldeirões. Boiando na água fria acha-se um bloco de parafina, fingindo um bloco de mármore tosco e nêle, esculpura com magistral perfeição, uma cabeça com cabelos longos e barba cerrada que mais parece a cabeça de Jesus Cristo do que a de Tiradentes. Além da cabeça, flutuam duas flôres, uma das quais tem falta da haste, como prevenira Atanásio.

Reclamamos atenção para a leitura das atas e as lemos.

Todos comentam que foi uma sessão excelente, porque o trabalho de parafina, executado no escuro, é obra de arte que poucos produziram em plena luz. Fica marcada outra sessão para o dia 13, em casa do Sr. Alfredo Cavalcanti, à rua Dias Ferreira, n.º 340, e desta trataremos em outro artiguete.

Ofensiva Espiritual Pró-Paz

Por NATALIO CECCARINI — (Argentina)



clima internacional em que se desenvolve a sociedade planetária neste momento, está denso, cheio de incertezas e acontecimentos, cujas consequências, na hipótese de se materializarem, podem afetar a mesma substância do mundo e tudo que é sua manifestação, em multiplicidade de formas e seres.

Referida situação não é outra coisa que o resultado de um errôneo conceito do que é o homem e a vida, elaborado sobre uma montanha de sofismas, interesses e mentiras que a atual civilização engendrou e utiliza na consecução de falsos atalhos.

Todas as contingências que afetam o ser humano e originam sua dôr e angústia, é o fruto dêsses sofismas e interesses, que cobertos por rótulos vistosos e doutrinas sociais mais ou menos avançadas, mais ou menos retrógradas, proclamam seu amor ao homem e a seu sofrimento para servi-lo e libertá-lo de

seus padecimentos, mas, em verdade, conduzem-no ao abismo moral que nos é dado observar nestes momentos dolorosos de expectativa e destruição.

A continuar na cegueira turbulenta e falaz que a sociedade segue, não é difícil prever desenlace. Os horrores e sofrimentos que são o saldo das duas últimas conflagrações mundiais, serão centuplicados, durante séculos de custosa recuperação material e moral do planeta e sua população.

Por isso urge tomar um rumo diferente, heróico, o único eficaz que possa deter esta quêda vertical do homem, que já está envolto consciente e inconscientemente nesta paranóica extrema e belecista, insinuando-se nos diferentes setores ideológicos, que prometem sua salvação a preço de morte e devastação.

Este rumo é empreender uma poderosa ofensiva espiritual em favor da Paz. Como? Começando por restaurar a paz interna de cada um e exteriorizando pensamentos de paz, de amor e de fraternidade.

Deve o homem opor-se totalmente a que em seu espírito surja o mínimo pensamento e sentimento de ódio, de inimizade, de agressão ao seu próximo, levantando-se contra todas as barreiras e sofismas que os interessados em quebrantar a harmonia humana, elaborem e ponham em circulação. Os nacionalismos negativos, as ambições de poderío e conquista, as paixões de hegemonia política e social, e muitos outros «slogan» da época presente, devem ser rejeitados, e em seu lugar, gerar sentimentos de amor e solidariedade com todos os países e homens do orbe, sobrepor-se às diferenças naturais e interpretar as leis sociais e acontecimentos que promovem a atividade dos indivíduos e fundam suas relações entre si.

Não nos esqueçamos que tudo que o homem é, em sua projeção geral ao integrar-se na coletividade, também o é a sociedade, tudo nada mais é do que consequência do que os homens têm pensado e sentido. Quando o indivíduo pensa e sente em termos de amor e solidariedade, justiça, paz, só pôde dar-se bem numa sociedade que forma pensamentos e sentimentos de justiça, amor e paz.

Sejamos corajosos e observemos com toda severidade o nosso interior e, descobriremos que só temos pensado e sentido em termos de incompreensão, desamor e desarmonia. Lógico, pois, que o compêndio da exteriorização humana seja panorama incerto, cheio de injustiças, de predomínio, que ameaça a Paz e quer edificar sobre a morte e a desolação.

Se um homem falar e se comportar com um pensamento de maldade, o sofrimento o seguirá inevitavelmente, tal como o estabelece a lei de causas e efeitos, de ação e reação. Ao contrário, se um homem fala ou atua com um pensamento puro e nobre, a felicidade o seguirá e será, como a Lei ensina, sua mais estimada compensação espiritual.

Eis aqui, pois, a nossa ofensiva. Examine o homem todas as nuvens que ensofram o horizonte, difunda correntes de pensamentos amorosos, de pacificação, de unidade com todos seus semelhantes. Proiba a si mesmo fazer cõro a todos estes sofismas que a desmedida

ambição e o êrro empoleirado fazem circular, e em vez de comentar em tom pessimista os acontecimentos atuais e enrolar-se num ou outro partido, ou fazer cálculos sobre quem poderá vencer na circunstância, procure espargir sentimentos e idéias favoráveis à paz, mas sentindo-se, em verdade, em paz consigo mesmo e com o mundo, de que é parte solidária.

Em família, no trabalho, no clube, em todo lugar em que haja oportunidade de realizar este imenso Bem, seja o nosso falar e nosso atuar uma presença contínua de realização espiritual pró Paz e amor fraterno de todos os seres.

Sejam temperados nossos juízos, sinceros, plenos de amor e compreensão, indulgentes com o êrro do próximo, severos com os próprios. Abra-se a nossa mente só para as belas e puras solicitações da solidariedade e justiça humanas e seja o centro de irradiação de pensamentos nobres e construtores, de harmônicas relações entre todos. Ninguém é mais do que outro e também ninguém é menos do que outro; todos somos úteis e indispensáveis. A colaboração e o entendimento recíproco fazem mais do que mil doutrinas, ideologias e sistemas que nos prometem a felicidade terrena e divina. Por tudo isso, comecemos esta ofensiva espiritual, estendendo pontes entre todas as almas do planeta, sem discernir (discriminar) sobre a cor da pele, seu credo ou posição social. Pontes espirituais e amorosas, que destruirão todas as confabulações que as forças do mal, aliadas em secreto, têm criado esta densa situação internacional, angustiosa, desesperadora.

E se, em verdade reconhecemos que a Vontade de Deus ampara e vela por este mundo Terra que é parte de sua criação, torna-se evidente para quantos nêle transitoriamente moram, que a hora difícil que se atravessa, nada mais é que o fruto do que temos pensado e sentido.

Certos disto, reabilitemo-nos do nosso êrro e iniciemos esta ofensiva espiritual pró Paz, seguros de nos estarmos recuperando de todas nossas transgressões morais.

Estímulo e Trabalho

O estímulo é uma forma de solidariedade. Muita gente confunde estímulo com elogio, mas o que é verdade é que há muita diferença entre o chamado «elogio de engrossamento, e o aplauso sincero com o nobre intuito de estimular o trabalho alheio. A produção intelectual é das que mais carecem de estímulo, porque é a produção do espírito, é a produção em que o indivíduo põe o que ele tem de mais intocável, mais inerente ao próprio ser: o sentimento, a convicção. Mas o que se verifica, notadamente no meio espírita, é que o trabalho intelectual não recebe o estímulo que seria de esperar. Parece que a causa de tal desinterêsse está na falsa concepção de humildade: muita gente não aplaude o trabalho alheio com o receio de despertar a vaidade. Há nisto engano flagrante. O estímulo é necessário, e até indispensável, porque é uma espécie de tônico espiritual.

Vou citar, por exemplo, um facto recente. O livro do prof. Silva Melo (*Mistérios e realidades dêste e do outro mundo*) está no cartaz da imprensa como espetacular vitória do esculápio patrício contra o Espiritismo. Carlos Imbassahy e Pedro Granja, em colaboração, escreveram um trabalho notável, um livro de fôlego, com um esforço incalculável para rebater as impropriedades que o prof. Silva Melo afirma contra o Espiritismo. A emprêsa EDIPO, de S. Paulo, também com esforço incalculável, publicou o livro em edição das melhores que conhecemos, muito bem apresentável, enfim um primor de arte gráfica. Livro posante no fundo e na forma. Mas a repercussão, no próprio meio espírita não está correspondendo, até agora, ao valor da obra. Esta é que é a verdade, infelizmente! Pouco se escreveu sobre o livro de Pedro Granja e Carlos Imbassahy. Parece até que o grosso da coletividade espírita nem tomou conhecimento do grande trabalho daqueles dois abnegados e cultos confrades... É preciso ser idealista de verdade para trabalhar e produzir sem ser compreendido. A indiferença, a falta de estímulo ou de

palavras animadoras pode matar o entusiasmo de um escritor.

Outro exemplo. O livro do prof. Silva Melo provocou o aparecimento, na seára espírita, de um valor que estava, até ha pouco, em silêncio, e acaba de lançar outro livro de alta significação doutrinária. É um médico, e nesta qualidade, responde ao seu colega, autor dos «*Mistérios*». Refiro-me ao livro do Dr. Sérgio do Vale, intitulado *Silva Melo e seus Mistérios*, publicado pela LIVRARIA ALLAN KARDEC, de S. Paulo. Ótima apresentação, trabalho esmerado, conteúdo profundo. Mas também não tem sido aplaudido como merece... É lamentável que um livro tão instrutivo, tão consistente, escrito por ideal, com o intuito de defender o Espiritismo, não provoque, no seio da coletividade espírita, um movimento de solidariedade, um pronunciamento, quando muito dos intelectuais, pelo menos para estimular o Autor, dando-lhe coragem para escrever mais. O livro do prof. Silva Melo deu motivo á publicação de dois grandes livros, no meio espírita: *Fantasma, Fantasias e Fantoche*, de Carlos Imbassahy e Pedro Granja (Edições EDIPO) e *Silva Melo e seus mistérios*, de Sérgio do Vale (Edição da LAKE).

Ao mesmo tempo, Julio de Abreu lança, com esforço digno de menção, um livro igualmente instrutivo e necessário: *As Profecias de Daniel e o Apocolipse*, de Isaac Newton. Poucos sabem que a EDIPO, editora espírita, de S. Paulo, é obra de mérito, sobretudo porque representa o sacrifício de um pugilo de espíritas abnegados, sob a direção de Julio Abreu Filho. Mas esses confrades não recebem, de nosso meio, todo o estímulo moral e material de que necessitam. Como se vê a produção intelectual é tarefa ingrata. Um escritor espírita, sem pensar em lucro ou remuneração, perde noites e dias pesquisando, meditando para publicar um livro e, depois de certo tempo, observa, com tristeza, que o seu trabalho, as suas horas de sacrifício não foram bem compreendidos...

Mais um exemplo, para terminar.

A Livraria Allan Kardec (LAKE) publicou ha pouco, depois de muito trabalho, excelente edição d'A GRANDE SÍNTESE, a conhecida e profunda obra mediúnica recebida por Pietro Ubaldi, da Itália. Pode-se calcular facilmente o sacrificio daquela Editora (ainda nova) para organizar e publicar uma edição de obra tão importante. Mas o aparecimento da nova edição d'A Grande Síntese não foi «saudado», no meio espírita, como «acontecimento literário». No entanto, os confrades que realizaram tão grande tarefa necessitam de estímulo. Agora mesmo a LAKE acaba de tomar outra iniciativa simpática: publicar em português a obra do criminalista cubano Dr.

Fernando Ortiz, sob o título «La Filosofia Penal de los espiritistas». Tudo isto, em suma, é trabalho meritório, representa amor á Causa espírita, e por isso deve ser bem compreendido, deve ser auxiliado pela palavra e pela ação dos confrades. Em *Jesus no Lar*, livro mediúnico bem interessante e oportuno, há uma recomendação sôbre a necessidade do estímulo ao trabalho alheio. Em matéria de produção intelectual, o estímulo deve ser compreendido como solidariedade e não como simples elogio. Precisamos e devemos, pois, estimular o esforço de nossos confrades!

DEOLINDO AMORIM.

TEATRO ESPIRITUALISTA

CARLOS IMBASSAHY

Ha muito estou para escrever sobre o livro que, com este titulo, publicou Leopoldo Machado. Toda a dificuldade estaria em fugir aos lugares comuns, ás frases banais, ás frivolidades com que costumamos anunciar as obras dos amigos e que, por vezes marcaram a nossa falta de entusiasmo pelo livro que nos cai nas mãos.

Outra dificuldade: tudo o que dissessemos estaria aquém do êxito provocado pela obra.

Também é muito comum falarmos do grande sucesso de um livro, da enorme concorrência de uma palestra, dos muitos leitores de um artigo, quando o livro não se vende, a palestra teve o salão vazio e o jornal onde saíu o artigo não se lê.

O êxito, porém, do *Teatro Espiritualista* está tão patente, que os nossos comentários serão inúteis. E isto por uma razão simples: é que, onde quer que estejamos, em se tratando de reuniões espíritas, ve-

mos sempre representada uma peça de Leopoldo Machado, extraída do *Teatro Espiritualista*.

Se ha alguém que inveje o nosso prezado amigo, damos-lhe de conselho que não visite os nossos Estados, que não se meta em excursões de propaganda, que não frequente centros espíritas, que não vá a festividades espíritas, porque se terá que ralar vendo em cena um trabalho dramático do Leopoldo. E o que é pior: verá a platéia comovida, ora a sorrir, ora a chorar...

Naturalmente, dirá êle, que a platéia não entende nada de arte. Mas, é a platéia que faz o autor!

Certo técnico foi a uma casa comercial e achou de corrigir os defeitos de uns tantos artigos. E o dono da casa lhe disse: Não posso aceitar os seus conselhos, porque o freguês gosta assim, e quem manda aquí é o freguês.

Pois é! Nas peças do Leopoldo quem manda é o público.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Crônica Estrangeira

Uma Casa Assombrada

Por Frederico Duarte — Manchester

Existem aquí na Gran-Bretanha muitas casas e castelos assombrados por espíritos, uns benéficos e outros maléficos.

Muitas obras se teem publicado sôbre o assunto da autoria de conhecidos escritores.

Acaba de aparecer à luz um interessante trabalho da autoria do reverendo protestante A. C. Heming, reitor de Borley-cum-Liston. Vale bem a pena ler-se esse livro pelo modo como está escrito. Aponta ser a Reitoria de Borley uma das mais assombradas da Inglaterra, expondo suas experiências de ter observado por diversas vezes passos, o tocar misterioso do órgão sem estar qualquer pessoa na igreja, e a haver grandes fumaças de insenso.

Alega que está convencido não ter sido isso a obra de qualquer pessoa gracejosa. Se fosse, como alguém alega, diz o autor, obra da garotada da aldeia, positivamente que haveria em qualquer ocasião os indícios da sua brincadeira, notando-se vidros das janelas partidos, ou outros estragos feitos pelos ditos.

Ora o reitor afirma que a sua congregação é das melhores que tem tido na sua carreira, e os moços são bem comportados. Naturalmente que ao estar êle de vigia, sózinho, dentro da igreja, se tais acontecimentos fossem motivados pelos rapazes, teria havido sem duvida entre êles uns «murmurios ou risos», etc., mas o fenômeno, por exemplo, do órgão começar a tocar hinos, etc., com toda a maestría, não se póde assim pensar que isso seja o trabalho de inexperientes.

Ora, esta reverenda criatura que é honesta e muito respeitada pela sua congregação, sem dúvida que se não atreveria a perder o seu tempo a escrever sôbre um assunto dêstes.

Todavia, êle não se compromete, expondo sómente o que tem observado, e fosse êle convertido ao Espiritismo e manifestasse abertamente sua convicção, isso é muito natural que o collocasse nu-

ma situação tal que obrigaria mesmo a ter de renunciar a sua carreira de ministro da Igreja Protestante.

Eu conheço um caso muito característico, onde um ministro protestante tendo começado a incluir nos seus sermões considerandos sôbre a Sobrevivência, foi chamado á ordem pelo seu Bispo, e a situação sua perante êste e a sua congregação tornou-se tão intolerável que se decidiu a renunciar a sua carreira, estando há anos já a dedicar o seu tempo escrevendo para a Imprensa Espírita e a visitar e falar nos Centros e igrejas onde os seus ouvintes o ouvem com toda a atenção e o estimam muito, por ser um homem de caráter e consciencioso.

O MEU NATAL ENTRE OS ESPÍRITOS

O meu 39.º Natal passado fóra de Portugal, foi positivamente o mais belo de todos êles.

O meu médium Joseph de Santos convidou-me, por saber que vivo sózinho, a ir passar as festas do Natal na sua companhia e de seus filhinhos.

Alí fiquei desde sábado até terça-feira à noite.

Menú à Portugêsa

O Jantar do Natal foi de acôrdo com o Menú dado pelo espírito do meu ex-companheiro do Pôrto, Dr. Sá Gomes. Não desejo mencioná-lo todo para não abrir a bôca a alguns dos meus leitores, mas tivemos as famosas Rabanadas, arroz dôce, cozido à portugueza, etc. etc. Mas o melhor pratinho de todos foi, quando ao finalizar o jantar, os petizes foram passar algum tempo fóra de casa e ficámos ambos sós na sala de jantar. O Bocage manifesta-se. Falou-me por mais de uma hora e meia, enchendo-me de rir a valer com as suas piadas. Estavam alí também o poeta Quevedo, espanhól. O Dr. Sá Gomes, Harry Kerry, e muitos outros espíritos, apreciando os gracejos do belo Bocage. O Bocage começou a «atiçar» o Quevedo, começando assim; Foi um gallego o inventor do melhor e mais práctico Despertador que havia no meu tempo

quando vivia na terra. Consistia do seguinte:

Num quarto sem mobília alguma havia uma corda atada de lado a lado. À noite os galegos aguadeiros, vinham-se deitar, debruçando-se sobre a corda. De manhã muito cedo vinha o patrão e com uma navalha cortava o lado que estava amarrado perto da porta e a galegada caía toda ao chão, acordando aos sobressaltos. Pagavam meio pataco cada um.

Um dia eu e o Tolentino estávamos «depenados». Vestindo eu a minha farda de oficial de Marinha fui com êle ao Chafariz de Alfama falar com o «patron de los gallegos» o senhor Xuché. Disse-lhe que precisava de 40 pipas de água no meu barco de guerra, que deveriam encher-se a começar na manhã do dia seguinte. O homem aceitou o contrato e deu-me em adiantado uma comissão de uma libra. Fomos para o Nicolás onde comemos uma bela ceia e no dia seguinte de manhã, estando eu vestido à paisana, seguimos para a baixa e ali vimos mais de trinta galegos a berrar «áu, áu, áu» e a procurarem pela Náú Catriqueta que foi o nome que dei ao Xuché como sendo do meu barco de guerra».

Olha, Frederico, eu estou muito bem ao facto do que se vai passando pela terra e vou dar-te conta doutro despertador original inventado por um oficial de marinha da República Portuguesa.

Lembrou-se alguém em Lisboa de mandar construir um barracão de amianto e madeira numa das localidades da África, tendo umas caminhas, em vez de os pretinhos dormirem nas suas cubatas.

Os pretinhos usavam argolas nos narizes. O oficial mandou suspender no tecto uma corda, a qual tinha outras mais finas espaçadas, e na extremidade de cada uma havia uma espécie de anzól.

Quando os pretinhos estavam a dormir, um dos oficiais colocavam um anzól em cada argóla. À alvorada, içavam a córda e os pretinhos viam-se obrigados a levantar das camas ao mesmo tempo.

Enquanto que no meu tempo os galegos caíam ao solo, os pretinhos eram içados pelas argolas que tinham nos narizes.

Impossível me é dar aquí todas as graças e partidas a mim contadas pelo belo Bocage.

*

Sonhos Impressionantes

Crônica de Lisboa — Por Jorge Ramos

Os cientistas se têm preocupado muito com os sonhos e já fizeram revelações sensacionais sobre o assunto. Contudo, toda gente não se cansa de perguntar: — Terão os sonhos, de facto, significação? Levando em conta a pergunta, responde conhecido cronista:

— Para o faraó citado pela Bíblia e para a grande maioria dos mortais, isso é coisa que não se põe em dúvida.

Não pretendemos discutir se se trata de superstição ou do reconhecimento de fenómeno ainda sem explicação. Vamos apenas revelar alguns casos em que os sonhos serviram para o descobrimento ou esclarecimento de crimes.

Ha pouco tempo, foi encontrado morto, em sua residência de Londres, o comerciante Stockden Moors. Não havia nenhum vestígio de crime e o caso teria sido encerrado se uma vizinha do morto, Mrs. Greenwood, não tivesse estranho sonho; no qual Mrs. Stockden lhe apareceu e lhe revelou onde vivia um de seus assassinos. Mrs. Greenwood não ligou importância a êsse sonho. No fim de algumas noites, porém, voltou a sonhar com Stockden, que lhe mostrou o retrato de um indivíduo chamado Maynard, assegurando-lhe que fora êle seu assassino. Impressionada, Mrs. Greenwood foi relatar seu sonho à polícia. Graças à descrição que ela fez do retrato, Maynard foi detido e, após curto interrogatório, confessou tudo, indicando um cúmplice. O caso, porém, não terminou aí. No terceiro sonho Stockden mostrou à Mrs. Greenwood o retrato de outro cúmplice, e, finalmente, os três assassinos, convictos e confessos, foram condenados. Na noite seguinte ao julgamento, a senhora voltou a sonhar com a vítima, que lhe apareceu para agradecer o trabalho que tivera.

Êste facto registrado por jornais ingleses e confirmado pelo testemunho do decano da catedral de York, Dr. Alex, e outras pessoas dignas de fé, só pode ser comparado com os incidentes que cercaram o assassinio de um indivíduo chamado Noerawy, cujo cadáver foi encontrado em um matagal, nos arredores de Wadebridge, no condado de Cornwall.

Os detetives não lograram descobrir

o menor rastro dos criminosos até que, meses depois, um marinheiro, irmão do morto, se apresentou à polícia de Wadebridge e contou uma história espantosa. Na noite do assassinio do irmão, estando êle em alto mar, rumo da Austrália, teve um sonho, no qual viu Noerawy caminhando por uma estrada solitária. De repente, dois homens atiraram-se a êle, matando-o para roubar. Em seguida os criminosos dirigiram-se para Wadebridge e entraram em uma casa, que êle descreveu com grande nitidez e minúcias. Guiado pelas recordações deste sonho, o marinheiro conduziu a polícia à casa em questão e nela encontraram dois homens que o denunciante identificou como os assassinos de seu irmão. Impressionados e amedrontados por tão inesperada denúncia, os malfeitores confessaram o crime.

Outro caso impressionante é o de Murdock Grant, escossês, vendedor ambulante, cujo assassinio não ficou impune, graças a outro sonho. Um rapazola dos arredores de onde ocorreu o crime muito auxiliou a polícia, em suas investiga-

ções, porém o diretor da agência local dos Correios preveniu o magistrado de que aquêle expontâneo auxiliar da justiça trocara uma nota de dez libras esterlinas pouco antes de ter a polícia descoberto o corpo. Achava estranho que um rapazola sem ocupação nem emprêgo tivesse tanto dinheiro. Mac Leod, o detetive voluntário, foi preso mas não se encontrou em seu poder nada que tivesse pertencido ao morto. Iam dar-lhe liberdade quando outro indivíduo se apresentou, declarando à polícia haver sonhado com a casa de Mac Leod e ouvido uma voz, que lhe dissera, em escossês, estar ali oculta a bagagem do assassinado. Deram nova busca no local indicado. Pelas informações do homem que sonhara, as autoridades encontraram os objetos roubados.

Verdade indiscutível ou simples coincidência, o certo é que, a despeito dos profundos estudos que se tem feito sobre os sonhos, eles continuam a ser, para os homens em geral, desafiador enigma...

Da revista «Careta».

ESPIRITISMO NO BRASIL

A Caravana da Fraternidade em Aracajú

Leopoldo Machado

O Lins de Vasconcelos fôra á frente, de Salvador,

Dir-se-ia o precursor da Caravana, caso houvesse caminhos ásperos a aplainar.

O A. X. D. da *Aerovias*, fizera um verdadeiro vôo-família.

No aereo-porto de Aracajú, confrades que encheram um ônibus especial, com diretores da União Espirita Sergipana, do Irmão Fêgo e da Mocidade Espirita Sergipana á frente. Fidalga e alegre recepção aos caravaneiros. E hospedagem, como é dos moldes de nosso movimento excursionativo, nos lares de confrades. Nós e o Francisco Spinelli, com o Elson Fontes; o Carlos Jordão, com o Dalio Mendonça e o Ari Casadio, com o José Gonçalves.

A' noite, o primeiro contacto dou-

trinário com os irmãos sergipanos, na U. E. S. Séde e aspéctos, os mesmos de dez anos passados. E um calor de abafar, em consequência da estação e do número de assistentes. Francisco Oliva, presidente da União, passa a presidência ao Carlos Jordão. Dalio Mendonça faz, vibrante e expressiva, a recepção aos caravaneiros, que o Francisco Spinelli agradece, extendendo-se em considerações sobre as finalidades da Caravana em particular e aspectos do Espiritismo em geral. Nós, em seguida fizemos uma síntese da história e evolução do Espiritismo, concluindo que a hora é da união de todos para a vitória definitiva da Doutrina. D. Neide Mesquita profere, em nome da mulher espirita sergipana, a prece final. Agrado geral, felizmente, para todos.

A União Espirita Sergipana não filiava centros. União de confrades que se lhe associavam para o estudo da Doutrina, sómente. Passou, entretanto, em face dos entendimentos com a Caravana, a filiar centros e-espiritas, aderindo

ao *Pacto Aureo*. E ficou criada a comissão organizadora do movimento federativo no Estado, composto de confrades dos mais dedicados á Causa Sagrada da Unificação.

Outros programas doutrinários se sucederam, agradando sempre e cada vez mais, felizmente. Mórmente o do dia seguinte, no Cine-Teatro Rio Branco, o mais central e mais moderno da cidade, que fôra irradiado pela PRJ6, *Radio Difusora de Sergipe*, para o interior e Estados vizinhos. O tema que aí abordámos: *Evolução da Verdade Religiosa*. Se toda a assistência ouviu com atenção e prazer a conferência, vale salientar dois ex-reverendos, que foram dos que mais a aplaudiram. Ambos, homens de bem, hoje professores, deixaram a batina para constituírem família legalmente, coisa que irritara o sr. bispo, que preferia, naturalmente, continuassem padres, como tantos, pouco se lhes dando desrespeitassem as famílias alheias. Um deles, o prof. Jugurta Franco, leu-nos a carta criteriosa e enérgica, que enviara ao bispo, revidando suas insinuações cavilosas e o outro, prof. Gileno de Jesús, ainda hoje freme de indignação, quando se lembra que vestira batina...

O clero de Aracajú assanhou-se contra a conferência irradiada, contra o Espiritismo e o conferencista. Salientou-se principalmente, o reverendo do bairro de Cerqueira Campos, na manhã mesma em que teríamos de ir ao Irmão Fêgo. Entre os argumentos de pêsso, que jogou contra o conferencista, nossa meia gagueira, que se acentua mais quando nos entusiasmos, quando procuramos, mentalmente, escolher expressões e termos. E o padre berrou ao alto-falante possante, para ser ouvido á distância: «Estudamos oito anos para não gaga... gaguejar na tribuna...» Saiu-lhe, assim, o feitiço, contra o feiticeiro».

O domingo, 5 de novembro, foi todo do IRMÃO FÊGO, que é, até o presente, a obra espírita de mais vulto de Aracajú, ainda por concluir. Pronto, o salão de conferência, com 29x30. A concluir, o albergue noturno e gabinete dentário, o consultório médico, a *Escola de Corte e Costura Marília Barbosa*, toda enfeitada de moldes e vestidinhos. A criançada da idade escolar encontra no Irmão Fêgo sua escola ideal.

O primeiro programa com os mo-

ços e as crianças. Programa animadíssimo, nos moldes da Escola Ativa, em que tomaram parte, animadamente, grandes e pequenos, crianças, jovens e mais velhos; que terminou com interessante derrame de «livros... livros a mancheias para o espírita estudar»...

Seguiu-se o Almoço da Fraternidade, farto, suculento e alegre, que prostrou os que, como o Spinelli e o Jordão, não dispensam soneca á sesta.

Á tarde, a reunião de mesa redonda para a finalidade maior do programa: a obra da unificação, que foi, mercê de Deus, coroada de pleno êxito. Quem mais falou e discutiu, José Elson Fontes, que recebeu, por isso mesmo, de *línguas perversas* o cognome de *Malagueta*: Nós como o Elson, processaríamos o Carlos Jordão!...

Á noite, conferência. O Francisco Spinelli, o conferencista, seguindo-se bela mensagem mediúnica do Arí Casadio. Nós dissemos, mau grado nosso, algo sôbre o batismo nos meios espíritas, atendendo, assim, um pedido de irmãos queridos.

A última conferência, no *tatwa* A. O. Rodrigues.

Seria uma conferência pedagógica, dedicada a professores e alunos estudiosos. Entretanto, tendo aparecido poucos alunos e professores, a despeito da assistência que lotou a grande séde, o conferencista alterou o tema da conferência, passando a focar aspectos apocalípticos dos dias em curso, Primeiro, a cerimonia do culto da Casa, recepcionando os caravaneiros e entregando a séde do *tatwa* aos espíritas. Uma coisa bonita, dirigida pelo irmão Marceonilio Neves da Silva, que teve palavras generosíssimas para os espíritas e para o Espiritismo. O jovem Dalio Mendonça profere palavras de despedida, que foram respondida pelo Carlos Jordão e pelo Francisco Spinelli. O programa terminou com novo derrame de «livros... livros a mancheias...». tanto fôra o agrado do da véspera.

* * *

Programas paralelos, sociais e recreativos?

Muitíssimos. E cada qual mais interessante.

Interessante entre os mais interessantes, foi a excursão á Cachoeira de

Paulo Afonso. Como se trata de qualquer coisa que a gente vê, sente e não pode descrever, é assunto que deve ficar para crônicas á parte.

* * *

Os dias que passamos, sem tempo para nada, em Aracajú, é dessas coisas que não se podem esquecer nunca. E aqui repetimos o que deixáramos dito a irmãos de lá: «Se a passagem da Caravana da Fraternidade foi, para os irmãos de Aracajú, um presente do Céu, graça maior do Alto fôra, naturalmente, para nós, caravaneiros, o conhecimento e o contacto de irmãos tão dedicados e gentís.

E é pena que, na estreiteza de uma crônica ligeira, sómente de aspéctos marcantes da visita, não haja lugar para impressões outras, alegres e expressivas, que trouxemos e que teríamos, também, deixado. Muitas, naturalmente. Tantas, que sómente numa série de crônicas dignas de estudo e esparecimento espiritual.

Como palavra do fim: que os irmãos sergipanos saibam levar por diante, «para a frente e para o Alto», o ideal da confraternização e da unificação, eis o que continuamos desejando.



Grande concentração para lançamento da Campanha do Livro Espírita na Alta Paulista

Presentes os representantes das cidades da região — Venda de livros a preços de custo — Visita ao Hospital Espírita de Marília

O Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo promoveu em Marília, com a colaboração dos Centros Espíritas «Luz, Fé e Caridade», «Luz e Verdade», «Vicente de Paulo», «Amantes da Pobreza», e do Hospital Espírita de Marília, uma grande concentração dos espíritas da região, para lançamento da «Campanha do Livro Espírita». Dia 22 de Janeiro último, segunda-feira, como trabalho preparatório, o confrade Irmão Saulo, cronista espírita do «Diário de S. Paulo», iniciou uma série de palestras, falando no Centro «Vicente de Paulo». Dia 24, pronunciou uma conferência no Centro «Luz

e Verdade». Dias 25 e 26, em companhia do confrade Manoel Pinto Ribeiro, presidente do Centro «Luz, Fé e Caridade», de Marília, esteve em visita às associações espíritas de Pompeia, Oriente, Padre Nobrega, Vera Cruz e Garça, pronunciando uma palestra no Centro Espírita Trilha da Verdade, de Vera Cruz, e outra no Centro Luz Fé e Caridade, em Marília. Dia 27, nesta cidade e ainda no mesmo Centro, falou sobre «O Espiritismo como Síntese do Conhecimento».

Obras de Assistência Social

Em Oriente, os confrades J. Herculano Pires, presidente do Clube, e o confrade Manoel Pinto Ribeiro, tiveram a satisfação de visitar as obras do orfanato «Asilo Esp. Maria Tereza de Jesus», recém-inaugurado, funcionando em magnífico edifício próprio, construído graças aos esforços da confrade dona Maria Reis Pantaroto. Em Garça, visitaram o «Orfanato Nosso Lar», outra bela obra em fase de franco desenvolvimento, já instalado em prédio que deverá passar por serviços de adaptação, e abrigando desde já numerosas crianças desvalidas. O confrade Rolando Ramaciotti, diretor da instituição, acompanhou os visitantes. Durante a concentração, em Marília, os confrades vindos de outras cidades fizeram uma demorada visita às dependências do Hospital Espírita local, sendo-lhes por fim oferecido um lanche, nos amplos refeitórios daquela instituição.

Venda de Livros

Dia 28, domingo, às 14 horas, realizou-se a concentração, na séde do Centro «Luz Fé e Caridade», cujo salão esteve repleto. Os confrades de Garça compareceram em numerosa caravana, conduzida numa jardineira da linha de propriedade do confrade Agostinho Mana, que deu, assim, valiosa colaboração ao movimento. Os confrades de Tupã vieram de automóvel, e os de Pompeia, Quintana, Oriente, Vera Cruz, Adamantina, Padre Nobrega e outras cidades, viajaram de trem. O confrade Irmão Saulo expôs as finalidades da «Campanha do Livro», que são as de edição e venda das obras de Allan Kardec a preços de custo e a formação dos «Grupos do Livro Espírita» em cada cidade, para um trabalho constante de difusão dos

verdadeiros princípios do Espiritismo, contidos na codificação kardecista. Disse que o Clube dos Jornalistas considera necessária essa campanha, não só para que os livros básicos da doutrina estejam mais facilmente ao alcance de todos, espíritas e não espíritas, como também para o combate eficiente e racional aos desvios e prejuízos místicos, oriundos do roustainguismo, do umbandismo, das várias formas de africanismo, e até mesmo das mais recentes influências de outras doutrinas, como o exoterismo, o rosacrucianismo e a teosofia, que ameaçam abrir verdadeiras cisões no movimento espírita, verdadeiras brechas na mentalidade doutrinária, que deve apresentar, pelo contrário, a homogeneidade, a firmeza e a clareza da codificação de Allan Kardec. Insistiu na necessidade de promoção de palestras sobre o livro espírita e de cursos doutrinários na sede dos Centros, para que as pessoas pouco afeitas à leitura e ao estudo, e até mesmo as analfabetas, possam receber os princípios espíritas em sua verdadeira pureza, sem deturpações perigosas. Afirmou que os dogmas de fé, oriundos da maneira mística e irracional de encarar os problemas do espírito, podem gerar verdadeiros fanatismos, levando o movimento espírita para os caminhos tortuosos do ritualismo, da liturgia, e tirando-lhe o caráter essencialmente espiritual, que lhe deu o Espírito da Verdade. Daí a necessidade imprescindível de firmarmos os nossos conhecimentos na sólida base dos livros de Kardec, pois o codificador, fiel ao cumprimento da sua missão, não deixou nas suas obras qualquer germen desses princípios ameaçadores. Finda a palestra, foram vendidos duzentos volumes de «O Evangelho Segundo o Espiritismo», encadernados, a doze cruzeiros, e trinta e cinco volumes do livro «Silva Mello e os seus Mistérios», de Sergio Valle a trinta cruzeiros. Os confrades João José Sabonge, de Tupã, e José Bernardes, de Vera Cruz, ofereceram às pessoas que não estivessem em condições de adquirir os livros, 25 exemplares de «O Evangelho», gratuitamente.

Sessão de Encerramento

No mesmo dia, às 20 horas e meia, realizou-se no Centro Luz e Verdade a sessão de encerramento dos trabalhos, com a presença de verdadeira multidão.

O confrade Urbano de Assis Xavier pronunciou magnífica palestra subordinada ao tema «Provas da Imortalidade», relatando fenômenos de voz-direta observados com os médiuns Hilda Negrão e Luiz Parigot de Sousa, e interpretando-os à luz do Espiritismo. O confrade Irmão Sauló discorreu sobre «Um homem novo para um novo mundo». No dia seguinte, segunda-feira, às 18 horas e dez minutos, o confrade Irmão Saulo pronunciou uma palestra de 15 minutos, ao microfone da Rádio Clube de Marília, sobre «As origens mediúnicas da religião». Tanto a estação radiofônica quanto os jornais diários de Marília, em número de três, deram amplo noticiário dos trabalhos da concentração.

— José Dias

Conforme já tivemos oportunidade de noticiar, o nosso velho companheiro José Dias, residente em Rio Claro, depois de mais de 40 anos de permanência no Brasil, sentiu ardente desejo de visitar sua terra natal, Travanca de São Pedro de Alva, Portugal, onde reside seu pai, que conta a avançada idade de 84 anos.

Assim foi que, em princípios de Maio do ano passado, José Dias empreendeu a viagem a Portugal, onde permaneceu quasi nove meses, chegando de volta ao Brasil no dia 31 de Janeiro último.

Poucos dias depois, em 10 de Fevereiro, José Dias nos visitou, não só porque sentia saudades dos seus velhos companheiros, como também porque queria retribuir a visita que lhe fizemos na véspera de sua partida e prestar contas da incumbência que lhe demos e que com a maior satisfação aceitou, isto é, levar as nossas saudações e abraços fraternais aos confrades portugueses e representar, durante a sua estada em Portugal, «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo». E José Dias desincumbiu-se perfeitamente do encargo, excedendo mesmo às nossas expectativas.

Esteve em Lisboa, Porto e Braga, onde foi recebido carinhosamente pelos confrades, que lhe dispensaram as maiores atenções e dos quais nos trouxe saudações e apertados abraços fraternos, o que muito nos sensibilizou.

Em Lisboa, esteve com o incansável trabalhador Izidoro Duarte Santos, Diretor da apreciada revista «Estudos Psíquicos», jornalista e escritor espírita de projeção, muito admirado e apreciado no Brasil pelas suas produções evangélicas e doutrinárias.

Visitou a Federação Espírita Portuguesa que, num gesto de grande amabilidade e consideração, marcou dia e hora para receber o visitante, o que se verificou no dia 14 de Janeiro último, às 18 horas. Foi recebido pelos confrades Antonio Castanheira de Moura, vice-presidente da Federação; Joaquim Julio da Silva Lagarto, tesoureiro e bibliotecário; Joaquim Ferreira Alves Junior, 1.º secretário; Manoel Caetano de Souza, jornalista, chefe da secretaria da Federação e secretário da «Revista de Metapsicologia» e Dr. Antonio J. Freire, ilustre médico e publicista, autor de várias obras e conferencista espírita dos mais apreciados. O Dr. Antonio J. Freire, nos enviou, por intermédio de José Dias, com expressiva dedicatória, 3 exemplares de obras da sua autoria — «A Margem do Espiritismo», «Da Fraude no Espiritismo Experimental», sôbre os quais já tivemos ocasião de fazer apreciação, e «Da Alma humana», recentemente lançada a lume e da qual falaremos oportunamente. A oferta dos exemplares muito nos alegrou, e aqui deixamos consignados os nossos agradecimentos ao prezado confrade Antonio J. Freire.

A direção da «Revista de Metapsicologia», órgão da Federação Espírita Portuguesa, solicitou ao companheiro José Dias que fizesse chegar ao conhecimento dos espíritas brasileiros o seu pedido no sentido de lhe serem enviadas colaborações para a referida Revista, à Rua São Bento, 640, Lisboa. As colaborações não devem sair do terreno estritamente doutrinário, visto como qualquer referência, por leve que seja e que transpire algo que possa melindrar um dogma ou um culto religioso, é o bastante para que a *Censura* faça a sua habitual póda. Aquí fica transmitido aos escritores espíritas brasileiros o pedido da Federação Espírita Portuguesa.

No Porto, José Dias visitou o confrade Manuel Cavaco, de quem recebeu muitas gentilezas. Falou duas vezes na séde da Revista «Além» dirigida por êsse esforçado trabalhador da seára.

Em Braga, foi carinhosamente recebido na séde do Centro Espírita «Bom Jesus» pelo confrade Silvino Cunha, que, por intermédio de José Dias, também nos ofertou um exemplar do livro «De Maria para as suas Filhas», que agradecemos, prometendo fazer, oportunamente uma nota a respeito.

No dia 25 de Dezembro fez uma palestra em família, na sua terra natal, de onde voltou verdadeiramente encantado.

Disse-nos José Dias que os dirigentes da Federação estão vivamente interessados em manter um intercâmbio espiritual mais estreito com os espíritas brasileiros, para os quais olham com simpatia, solicitando aos publicistas brasileiros que remetam à Federação folhetos, opúsculos, jornais e revistas de propaganda para serem distribuídos.

O confrade Augusto Grave, residente em Lisboa, foi quem apresentou José Dias aos confrades lusos, aos quais agradecemos de coração as atenções e amabilidades dispensadas ao companheiro José Dias, que regressou de Portugal plenamente satisfeito por ter aproveitado bem a viagem tanto para o corpo como para o espírito.

Aos nossos assinantes da Capital Federal

Aos nossos prezados assinantes residentes no Rio de Janeiro que necessitem regularizar a sua situação com êste órgão, solicitamos-lhes o obséquio de procurarem o nosso representante sr. Haroldo Marques, à Rua Moncorvo Filho, 27 - sobrado, facilitando-lhe assim o trabalho, pelo que agradecemos sinceramente.

Livros Novos

Dois Mundos

Com expressiva dedicatória, o estimado confrade Isidoro Duarte Santos, Diretor da nossa brilhante colega «Estudos Psíquicos», de Lisboa, Portugal, autor de diversas obras, acaba de nos ofertar um exemplar de «Dois Mundos», obra constituída de narrações do Além

Aviso

Avisamos aos nossos prezados assinantes, que em virtude das férias que vamos conceder ao nosso pessoal de redação e oficinas, esta Revista não circulará no próximo mês de Abril, circulando juntamente com a edição de Maio, n.ºs 3 e 4.

ditadas pelo esclarecido Espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos.

É um livro profundamente filosófico e espiritual, com mensagens de elucidação da vida espiritual, enriquecidas de fina e suave literatura, que revela o elevado grau intelectual do espírito que nos trouxe do Alto tão preciosa dádiva. A sua leitura conforta sobremaneira os que temem a morte ou choram a partida de um ente querido para o Além, Contém 280 páginas bem impressas.

Agradecemos a oferta do volume.

Da Alma Humana

O Dr. Antonio J. Freirè, médico, residente em Lisboa, Portugal, conferencista, jornalista e escritor espírita dos mais apreciados, autor de diversas obras espíritas de caráter filosófico e científico nos ofertou por intermédio do nosso companheiro José Dias, com expressiva dedicatória, um exemplar de sua recente obra intitulada — «Da Alma Humana».

Nesta obra que contém 320 páginas impressas em ótimo papel, o autor, como nas demais obras, revelou-se mais uma vez profundo conhecedor do psiquismo. Dotado de vasta cultura, numa linguagem escorreita e acessível às inteligências, estuda a alma sob o ponto de vista filosófico e científico do Espiritismo, apresentando provas frisantes da imortalidade da alma. Se fossemos citar os principais estudos que o Dr. Antonio J. Freire faz sobre a alma, cremos que iríamos muito longe. Mas o leitor interessado nos estudos dos magnos problemas da alma, poderá conhecê-los ao compulsar a importante obra, que reputamos de grande valor filosófico e so-

bretudo científico, capaz de satisfazer o mais exigente estudioso.

Gratos pelo exemplar que nos coube.

De Maria para as suas Filhas

O Centro Espírita «Bom Jesus», de Braga, Portugal, nos remeteu por intermédio do nosso amigo José Dias, como oferta, um exemplar do livro «De Maria para as suas Filhas», trabalho mediúnico ditado no Centro Espírita de Braga pelo Espírito Julieta do Céu.

É um trabalho que enfeixa mensagens de fundo moral às mães, esposas e moças.

Gratos pela oferta.

Deputado Campos Vergal

Como os nossos leitores devem saber, o Deputado Campos Vergal, um dos mais ativos representantes do povo na Câmara dos Deputados Federais e que mais de perto conhece e sente as necessidades dos seus semelhantes, apresentou, em 10 de Novembro do ano passado, um projeto de lei concedendo auxílio de Natal aos leprosos do Brasil, autorizando para isso o Poder Executivo a abrir, pelo Ministério da Educação e Saúde, o crédito especial de 1.200.000,00 cruzeiros.

Dois meses depois, ou seja em 8 de Janeiro deste ano, apresentou mais um projeto, que tomou o n.º 1124, abrindo o crédito de Cr. \$ 400.000,00 como auxílio a diversas associações de beneficência neste Estado, entre as quais a Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» de Matão, que já deu começo à construção da Vila dos Pobres «Cairbar Schutel».

Se o projeto for sancionado, referida Mocidade contará com a importância de cr.\$100,000.00 (cem mil cruzeiros), podendo assim construir diversos grupos de casas para pobres.

A Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» agradece profundamente sensibilizada por nosso intermédio, ao Deputado Campos Vergal, o seu gesto altamente filantrópico, de verdadeiro cristão, formulando votos para que o seu trabalho em prol dos interesses coletivos encontre eco no coração dos seus companheiros, na Câmara dos Deputados Federais.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Pão Nosso
Na Escola do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo

Vários assuntos:

Materia ou Espírito?
A E'ra do Aquário
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Visões Grandiosas nos Áres
O Espiritismo e os Problemas Humanos
Africanismo e Espiritismo
Fenômenos de «Transporte»
Umbanda em Julgamento
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina-1.º e 2.º vs.
Erros Doutrinários
Depois da Morte
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
Síntese de O Novo Testamento
No Invisível
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Redenção
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Expição
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
Herança do Pecado
O Pharaó Merneptah
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores

Infantis:

Os Dez Mandamentos
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
História de Catarina

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho

Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.\$ 35,00
	Semestre	— " "	20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	40,00
	Semestre	— " "	23,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. \$ 3,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente
A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira
Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

